



AS INVERDADES, AS MEIAS VERDADES DO JORNALISMO

THE UNTRUTHS, THE HALF-TRUTHS AND THE CLAIMES OF THE JOURNALISM

Milton Pelegrini¹

Resumo:

Há, para todos os efeitos, uma questão existencial dramática para o jornalista no exercício de sua profissão: "o *que é realidade?*". Ou ajustando a pergunta, "*qual é a realidade que ele vê?*". Ou ainda, melhorando o foco da indagação, "*ele se vê como parte da realidade que enxerga?*" Todas elas apontam para uma outra pergunta, ainda mais dramática e com desdobramentos muitas vezes negativos para os grupos sociais nos quais a atividade jornalística desempenha um papel agregador ou desvinculador importante: "*a realidade que ele vê é a única possível de existir para o outro?*". Se a resposta for sim, estamos diante da morte lenta de um outro conceito decorrente dos dogmas jornalísticos, ou seja, da "verdade", posto que o conceito "verdade" está mais para a idéia de um fractal: existem tantas quantas mentes pensantes puderem imaginá-la.

Palavras-chave: Jornalismo. Verdade. Objetividade. Realidade.

Abstract:

There are, to all intents and purposes, an existential dramatic question for the journalist in the service of his profession: " what is a reality? ". Or adjusting the question, " what is the reality that he sees? ". Or still, improving the focus of the investigation, " does he see himself a part of the reality that sees? " They point to another question, still more dramatic and with ramifications very often negative to the social groups in which the journalistic activity fulfills to collect or to unlink: " the reality that he sees is the only possible one of existing for other? ". If the answer is yes, we are before the slow death of another concept resulting from the journalistic dogmas, in other words, of the "truth", although the concept " truth " is more to the idea of a fractal: there are as many people as the thinking minds will be able to imagine it.

¹ Milton Pelegrini é jornalista, doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor concursado do quadro de carreira do Departamento de Comunicação Jornalística da PUC-SP e pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia - CISC. (www.cisc.org.br)





Keywords: Journalism. Truth. Objectivity. Reality.

Há, para todos os efeitos, uma questão existencial dramática para o jornalista no exercício de sua profissão: *"o que é realidade?"*. Ou ajustando a pergunta, *"qual é a realidade que ele vê?"*. Ou ainda, melhorando o foco da indagação, *"ele se vê como parte da realidade que enxerga?"* Todas elas apontam para uma outra pergunta, ainda mais dramática e com desdobramentos muitas vezes negativos para os grupos sociais nos quais a atividade jornalística desempenha um papel agregador ou desvinculador importante: *"a realidade que ele vê é a única possível de existir para o outro?"*. Se a resposta for sim, estamos diante da morte lenta de um outro conceito decorrente dos dogmas jornalísticos, ou seja, da "verdade", posto que o conceito "verdade" está mais para a idéia de um fractal: existem tantas quantas mentes pensantes puderem imaginá-la.

Mas, antes de avançarmos com a reflexão acerca do estatuto da realidade para o jornalista, é preciso dedicar um tempo para pensar os meios de comunicação como agentes tradutores de realidades. Foi Dietmar Kamper² quem definiu a mídia como um biombo entre o homem e a realidade, e de fato, compreendê-la a partir deste pressuposto relativamente simples não requer muito esforço. Entretanto, por detrás deste conceito vislumbra-se sua natureza produtora de realidades, pois, ao assumir a estratégica função de mediação, de biombo, de tradução do real, impõe-se ela mesma como uma realidade possível de ser observada pelo grupos sociais que dela fazem uso. Desta forma garante-se um tipo de entendimento comum para um fato qualquer baseado em pontos de vista muito particulares e de interesse dos proprietários dos meios de comunicação e de informação. A fabricação de consensos é parte de uma característica muito particular da mídia, e nela inclui-se a atividade jornalística como tradutora de

2 Dietmar Kamper (1936 - 2001), filósofo, sociólogo e teórico da mídia, fundou a Antropologia Histórica e lecionou Sociologia da Cultura enquanto foi professor na Universidade Lim de Berlim. Tem várias obras publicadas e refletiu sobre o papel dos sistemas de mediação na configuração do imaginário coletivo.





realidades para as quais os grupos sociais apenas as assistem e se incluem nelas por força do sentimento de pertença.

Os "avanços" técnicos dos veículos de comunicação, incorporados de uma tecnologia quase sempre utilizada de modo excludente, seja por seus custos, seja pelo tipo de conhecimento específico que ela demanda, contribuíram fortemente para facilitar e consolidar a propagação de informações dentro de grupos sociais cada vez mais ampliados. O estabelecimento desses consensos em torno dos fatos que noticiam são prova da capacidade sincronizadora e da produção de significação coletiva. Para isso são utilizadas todas as estratégias disponíveis para o controle da atenção. Desta forma é que a crescente aproximação do jornalismo à espetacularização tem ficado mais evidente com a utilização das tecnologias de rede nos meios de comunicação.

Diante da imediatez proporcionada pelo uso desses mecanismos de distribuição de informação cada vez mais instantâneos, o simples contar histórias do cotidiano tornou-se uma forma fugaz de narrativa, por conta da velocidade que os meios de produção da informação permitem imprimir. Chegamos ao tempo da narrativa, ela própria inenarrável, trazido justamente por essa velocidade. Um fato se transforma em um título e toda informação para além disso é descartada. Assim a história desse fato se transforma em uma cronologia de manchetes, expediente muito utilizado pelos veículos que utilizam recursos on-line de propagação de notícias.

A busca e elaboração da notícia, um tema próprio da tarefa do jornalista, naturalmente sofreu transformações e adaptações ao longo da história. Na última década, com o aperfeiçoamento das tecnologias de distribuição, não foi diferente. Vimos surgir um jornalismo não transformador, mas mantenedor dos códigos sociais construídos até então: o reflexo do *status quo* dos que manipulam as diferentes formas de mercado. Mas não foi sempre assim, transformar e modificar a sociedade foi papel do jornalismo em





algumas etapas do desenvolvimento civilizatório sobretudo a partir da Revolução Industrial, com mais ou menos contornos ora sociais, ora financeiros.

De "cães farejadores", como descrito por Ciro Marcondes em "A saga dos cães perdidos", uma boa parte dos jornalistas se transformaram em "cães adestrados" da mídia hegemônica, para cujos donos é mais significativo promover os interesses empresariais aos sociais, com claras intenções de beneficiar e de se beneficiar do/no mercado. Como se sabe, as mudanças do mercado são muitas, o que o torna instável, inconstante. O tipo de jornalismo que pretende servir a este fim, portanto, não pode se pretender duradouro e transformador.

Ser transformadora e duradoura é o que acontece quando a atividade jornalística reflete, produz e se reproduz na realidade que constata transformando-se, simultaneamente, em cultura. Deste modo as gerações mais novas se beneficiam da criação das gerações mais antigas justamente por causa desta característica humana de acumular e repassar conhecimento. O jornalismo já produziu exemplos dessa natureza em outros momentos de sua história. Podemos ver em sérias e comprometidas obras de investigação jornalística o rastro de cultura, ou da realidade social que se modificava, com "Os Sertões"³ (1902), de Euclides da Cunha, ou "Os 10 Dias que Abalaram o Mundo"⁴ (1919), de John Reed, ou ainda "A Sangue Frio"⁵ (1966), de Truman Capote. Mas este rastro parece ter se perdido no tempo e nas rotinas precipitadas do jornalismo de notícias em rede que parecem sempre fadadas à mais urgente morte. Neste caso, a morte da notícia não é algo temido, mas buscado, pois para o jornalismo cada vez mais veloz, como se pretende o *online*, o medo do vazio (*horror vacui*) de que tratou Dietmar Kamper é que significa a própria morte no jornalismo. Sobra a questão: de que realidade trata esse tipo de fazer jornalístico, de uma realidade midiática ou de uma realidade humana?

3 O livro *Os Sertões* está disponível eletronicamente em

4 REED, John *Os Dez dias que abalaram o Mundo* Global Editora São Paulo, 1982.

5 CAPOTE, Truman. *A Sangue Frio*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.





Os impactos causados por esse tipo de fazer jornalístico, ora dedicado à espetacularização, ora ao entretenimento, foram objeto da crítica de Günther Anders:

...a individualidade de cada pessoa pode ser apagada e sua racionalidade subjugada em sua própria casa. A direção de cena das massas no estilo de Hitler tornou-se supérflua: para transformar um homem em ninguém (e um que seja orgulhoso de ser ninguém) não é mais necessário engolfá-lo na massa ou alistá-lo como um membro de uma organização de massa. Nenhum método de despersonalizar um homem, de privá-lo da sua faculdade humana, é mais eficiente do que um que parece preservar a liberdade pessoal e os direitos da individualidade. E quando o condicionamento é realizado separadamente para cada indivíduo, na solidão de seu lar, em milhões de lares isolados, é incomparavelmente mais bem-sucedido. Uma vez que este isolamento é disfarçado de "diversão", a vítima não está ciente de que precisa sacrificar algo, e desde que o procedimento deixa-o com a ilusão de privacidade, ou, pelo menos, de residência particular, permanece perfeitamente discreto. O velho ditado "a morada de um homem é tão preciosa quanto ouro" novamente tornou-se verdadeiro, embora em um sentido totalmente novo. Hoje, a casa é valiosa não apenas para seu dono, mas também para os donos dos donos da casa - os que fornecem os serviços do rádio e da televisão que servem ao dono da casa no entretenimento diário. (ANDERS: 1957)

Vilém Flusser também diagnosticou esses impactos traduzindo-os como formas de solidão adquirida por uma exaustiva exposição ao/do mundo intermediado por aparelhos.

Essa instrumentalização do homem tem por conseqüência a solidão angustiante que caracteriza a nossa época. O homem transformado em instrumento, está cercado de instrumentos. Mas como ainda conserva, em seu íntimo, elementos humanos, está só. (FLUSSER, 2004, p. 5).

A realidade é o pano de fundo de toda questão que envolve o fazer jornalístico. Para tanto é preciso conhecer os limites dos conceitos de real, de realismo e de realidade, dentro dos quais se insere o própria conduta profissional do jornalista. Primeiro de tudo é preciso considerar que se deve entender por sociedade humana, e para isso admitiremos que o conceito de social, muito embora seja constituído por atividades e





comportamentos essencialmente humanos, é antes de qualquer outro conceito um atributo da vida humana.

Entretanto, por vida humana deve-se entender sempre a vida de cada um, a vida individual. Este atributo pensado por José Ortega y Gasset serve ao jornalista no sentido de situá-lo melhor no contexto da tradução dos fatos jornalísticos, das realidades que compõem a natureza midiática do olhar para o mundo. É por essa razão que o jornalista não pode deixar se ver como parte da realidade que ele mesmo descreve como observador. Isso não significa supor que o seu ponto de vista é única realidade possível de ser enxergada. Ao contrário, ter a capacidade de se incluir na realidade que se vê é admitir a existência de um outro olhar que também está presente no contexto da realidade para o fazer jornalístico, e que foi permeado pela participação de todos os sentidos humanos no momento daquela realidade em si.

Vejamos como Ortega y Gasset trata a questão do humano em seu envolvimento com a realidade circunstancial:

..." que é só propriamente humano em mim o que penso, quero, sinto e executo com meu corpo, sendo eu o "sujeito criador disso", ou o que a mim mesmo, como tal eu-mesmo, acontece portanto, somente é humano o meu pensar, se penso alguma coisa por minha própria conta, advertindo-me do que significa. Somente é humano aquilo que, ao fazer, o faço porque tem para mim um sentido, a saber, aquilo que entendo. Em toda ação humana existe, pois, um Sujeito do qual ela emana e que, por isso mesmo, é Responsável por ela" (ORTEGA y GASSET, 1973:47).

Portanto o fazer jornalístico não pode ser visto com uma atividade meramente descritiva dos fatos, da realidade. Mais do que isso, o jornalista não pode se abster da sua característica como parte da realidade que ele descreve. Ele deve se incluir e ao mesmo tempo se reconhecer como agente desta realidade. Não é à toa que a mídia hegemônica esforça-se, cada vez mais, em retirar contextos dos fatos noticiados no sentido de deixar transparecer uma asepsia informativa em torno da realidade. Ela quer fazer crer que a





sua descrição "é" a realidade. Outras questões importantes como o próprio mercado informativo, sua capacidade de transformar informação como produto de prateleira, os interesses políticos institucionais ou econômicos, sejam eles estratégicos ou não para a sobrevivência empresarial dos conglomerados de mídia nunca são ordem do dia nos noticiários, que mais parecem, na formatação da pauta cotidiana, fotografias de realidades sem nenhum componente informativo que contextualize os sentidos humanos para sua compreensão.

Assim, uma atividade jornalística só deveria ter sentido se fosse fruto da necessidade de sentido do próprio jornalista. Uma realidade, um fato, deveria fazer sentido primeiro para o jornalista para que ele pudesse ser sujeito, agente ou autor da descrição dessa realidade ou desse fato. Só assim o sentido da sua verdade poderia fazer algum sentido para os grupos sociais.

Ao contrário disso os conglomerados de mídia, hegemônicos na defesa de seus interesses, esforçam-se para retirar o sentido humano da descrição da realidade e transformá-la, muitas vezes, em uma realidade apenas midiática, portanto, uma realidade sem sentido para os grupos sociais.

Quando o acontecimento real é socialmente importante somente em sua forma reproduzida, isto é, como espetáculo, a diferença entre ser e parecer, entre realidade e imagem da realidade, é abolida.

Quando o acontecimento na forma reproduzida é socialmente mais importante do que o acontecimento original, este original deve ser moldado com vistas a ser reproduzido. Em outras palavras, o acontecimento torna-se apenas uma matriz-mestra, ou um molde para projetar suas próprias reproduções. (ANDERS: 1957)

Começamos a esbarrar no conceito de verdade, fundamental e norteador para atividade jornalística. Um preceito equivocado se admitirmos que o jornalista, ao descrever uma realidade, implicitamente, é sujeito, agente ou autor da descrição. Assim, as "Verdades jornalísticas" deveriam sempre ser tratadas como "versões", pois só assim





poderia-se admitir outros olhares como parte do fenômeno da observação, e, deste modo, produzir uma descrição do real que tenha um sentido social, humano, pois inclui o outro como agente da realidade descrita.

O reconhecimento do outro na descrição da realidade para o jornalismo pode ser compreendido com o exemplo descrito por Ortega y Gasset sobre a maçã no Paraíso. Nele se percebe como preexiste uma versão sobre a realidade objetiva.

...Nessa cena do Paraíso descobrimos logo um problema curioso: a maçã que Eva apresenta a Adão é a mesma que Adão vê, acha e recebe? Porque, ao oferecê-la, para Eva está presente, visível, patente só meia maçã, e a que Adão acha, vê e recebe é também somente meia maçã o que se vê, o que está, rigorosamente falando, presente, do ponto de vista de Eva, é algo diferente daquilo que se vê e está presente do ponto de vista de Adão o que se chama estritamente ver, ninguém viu, nunca, isso que se chama de maçã, porque esta tem, ao que se crê, duas faces, mas nunca está presente mais do que uma. Ademais, se há dois seres que a vêem, nenhum vê dela a mesma face, mas a outra, mais ou menos diferente. Certamente eu posso dar voltas em torno da maçã ou fazê-la girar em minha mão. Nesse movimento vão-se-me fazendo presentes aspectos, isto é, faces distintas da maçã quando estou vendo, o que se chama ver, a segunda face, lembro-me da que vi antes e somo-a aquela a maçã, enquanto unidade total .jamais me está presente. (ORTEGA y GASSET, 101:1973)

A questão da objetividade e da verdade, do ponto de vista jornalístico, devem ser, portanto, relativizadas. Elas não podem fazer parte de um conhecimento objetivo da realidade, uma vez que não é possível dissociar a razão humana dos fatos observados. Convém lembrar que ao considerar determinante o fazer jornalístico em torno da objetividade, como apregoam os interessados em colocar o jornalismo no patamar de ciência, pretende-se imputar a esse tipo de conduta, um tipo de "razão pura", ou seja, de um tipo de retrato de realidade que permaneceria isento de valores éticos ou políticos. Flusser tratou a questão da objetividade desde um ponto de vista humano.





Tal transcendência objetiva é impossível... por exemplo: objetos pesados não caem "objetivamente" com aceleração geométrica, mas o fazem do ponto de vista da razão estruturada matematicamente. A objetividade não é atingível pelo homem todo conhecimento humano, para ser conhecimento, deve ser intersubjetivo" (FLUSSER, 171: 2002)

É deste pressuposto que podemos compreender a natureza pouco objetiva de qualquer descrição de realidade que a atividade jornalística pretende fazer. É preciso lembrar que o conceito de "objetividade" nasce com a ciência que, por meio da técnica, tenta comprovar sua existência. Desta forma, a instrumentação técnica do fazer jornalístico tenta cancelar a idéia de uma "objetividade" que deve ser considerada *a priori* do fato. O jornalista pretende agir como um cientista dos acontecimentos, descrevendo objetivamente a realidade, mas sem se dar conta de que o fato que ele narra é, antes de qualquer coisa, um fato percebido pelo seu intelecto, que foi moldado culturalmente com valores éticos e políticos. Portanto, sua visão já é por si mesma uma visão parcial desse fato, ou pelo menos, um olhar que se realiza em uma versão para esse fato.

Cada vez mais as rotinas universitárias nos cursos de jornalismo tentam contemplar a necessidade de adotar como prática pedagógica as rotinas dos conglomerados de mídia como aprendizado de um jornalismo em nome da objetividade e da verdade. A realidade deve ser para o jornalista uma circunstância que o inclui e inclui seu leitor, e que, portanto, deve considerar, sempre, a existência do outro como parte da realidade que pretende descrever. Neste sentido o jornalismo é uma ação que ao mostrar a realidade, a recria sob um ponto de vista. E é por isso que esse ponto de vista não pode se estabelecer como argumento de verdade para o fato. Assim, para o jornalista, alguns pressupostos devem estar incluídos em sua atividade profissional como conduta a ser observada:

1. O jornalista deve saber olhar para uma realidade.
2. O jornalista deve saber reconhecer essa realidade.
3. O jornalista deve se reconhecer como parte desta realidade.





Realidade que, ao ser noticiada sem que a plenitude dos 3 itens seja atingida, tende a se configurar como divórcio do pressuposto de importância social do jornalismo. Passa-se a criar a realidade que se pretende refletir, ou seja, se discursa sobre o fato. Vilém Flusser estabeleceu uma importante reflexão sobre a natureza excludente do discurso. A agudeza de seu raciocínio acerca do processo de transmissão de informação recoloca a questão da atividade jornalística como simples "propagação" de realidades. Para ele o discurso, seja jornalístico ou não, é "*o processo pelo qual informações existentes são transmitidas por emissores, em posse de tais informações, para receptores que devem ser informados*". Em contrapartida Flusser reafirma o diálogo como contraponto ao discurso: "*o diálogo é o processo pelo qual vários detentores de informações parciais trocam informações entre si afim de alcançar síntese que possa ser considerada informação nova*".

A busca por uma atividade jornalística que privilegie o diálogo em oposição ao discurso deveria ser a tônica do aprendizado profissional nas universidades, uma vez que pouco se pode esperar de um mercado da informação, cada vez mais preocupado com os índices de produção em intervalos de tempo cada vez menores. Um modelo de jornalismo que contemple a produção colaborativa poderia se transformar na saída honrosa para uma atividade que pretendeu, quase sempre, deter a exclusiva noção de verdade para os fatos que noticia. Deste modo, a morte da verdade e a ressurreição da versão fariam parte de um novo estatuto para a atividade jornalística, sem prejuízo da interlocução, da inclusão, da produção e da reprodução de realidades que permitam os vínculos comunicativos dentro dos grupos sociais. "Sociedade" deveria ser, para os jornalistas, um conceito fundado nos vínculos humanos. Entender "sociedade" como público-alvo é, no mínimo, um ponto de vista inautêntico para o fenômeno da comunicação humana, e portanto, algo a ser evitado se a razão da atividade jornalística for o de se permanecer transformadora e duradoura.



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDERS, Günther. The phantom world of TV in Mass Culture: The popular arts in America. Trad. Nalu Fernandes. B. Rosenberg y D.M. White, 1957.

BAITELLO JR., Norval. O animal que parou os relógios. São Paulo: Annablume, 1999a.

_____. Imagem e violência - A perda do presente. In: Revista São Paulo em Perspectiva.

Volume 13 n. 3, 1999b. p. 81-84.

BAUDRILLARD, Jean. As estratégias fatais. Lisboa: Estampa, 1991a.

_____. Simulacros e Simulação. Lisboa: Relógio d'Água, 1991b.

_____. A arte da desapareição. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BERNSTEIN, William J. The birth of plenty. How the prosperity of the modern world was created. New York: McGraw-Hill, 2004.

BOORSTIN, Daniel. O Nariz de Cleópatra: ensaios sobre o inesperado. Lisboa: Gradiva, 1995.

CONTRERA, Malena S. Mídia e Pânico - Saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, 2002.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2v.

FERNANDES, Nalu. A influência da velocidade nas grades de programação jornalísticas. Mimeo - São Paulo: Cisc, 2004.

FLUSSER, Vilém. Ficções filosóficas. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. Bodenlos. Uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. Língua e Realidade. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. Naturalmente. Vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1967.





- _____. *O elo perdido da comunicação*. Folha de São Paulo, 31/8/1980.
- _____. *Pós-História. Vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Livraria Duas cidades, 1983.
- KAMPER, Dietmar. *Imagem*. Disponível em <<http://cisc.org.br>> Acesso em: 30 de abril de 2008, 2003a.
- _____. *Loucura*. Disponível em <<http://cisc.org.br>> Acesso em: 30 de abril. 2003b.
- _____. *Estrutura temporal das imagens*. In: CONTRERA, M. et al. (Org.) O espírito do nosso tempo: ensaios de Semiótica da Cultura e da Mídia. São Paulo: Annablume; CISC, 2004.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2000.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ORTEGA y GASSET, José. *O Homem e a Gente. (inter-comunicação humana)*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1973.
- _____. *Meditação da técnica*. Rio de Janeiro : Livro Ibero-Americano, 1963. 135p.
- PROSS, Harry. *La violencia de los símbolos sociales*. España, Barcelona: Anthropos, 1989.
- _____. *A economia dos sinais e a economia política*. Disponível em <<http://www.cisc.org.br/>>. Acesso em: 25 de abril de 2008.
- PROSS, Harry; ROMANO, Vicente. *Atrapados en la red mediática. Orientación en la diversidad*. España, Navarra: Argitaletxe Hiru, 1999.
- QUEVEDO, Marina. *Introdução aos sistemas internacionais de comunicação*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, 2004.
- _____. *O Corpo da Mídia e o Corpo do Homem*. Disponível em www.cisc.org.br Acesso em 16/4/2008.
- _____. *O Pecado dos Sistemas Internacionais de Informação*. Disponível em www.cisc.org.br Acesso em 16/4/2008.





ROMANO, Vicente. El tiempo y el espacio en la comunicación - La razón pervertida.
España, Navarra: Argitaletxe Hiru, 1998.

WATZLAWICK, Paul & KRIEG, Peter (orgs). O olhar do observador. Contribuições para
uma teoria do conhecimento construtivista. Campinas: Editorial PSY II, 1995.

Texto recebido em 27 de novembro de 2007

Text received on November 27, 2007

Texto publicado em 01 de março de 2008

Text published on March 01, 2008

